

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA
CURSO DE JORNALISMO**

IZADORA CASQUERO BITTENCOURT

**O QUEER DEFINE VOCÊ?
Entendendo a Teoria Queer a partir da reportagem longform**

**SÃO BORJA, RS
2022**

IZADORA CASQUERO BITTENCOURT

O QUEER DEFINE VOCÊ?

Entendendo a Teoria Queer a partir da reportagem longform

Trabalho de Conclusão de Curso II
apresentado ao Curso de Jornalismo da
Universidade Federal do Pampa, como
requisito parcial para obtenção do Título
de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Profa Dra Alciane Nolibos
Baccin

**SÃO BORJA/RS
2022**

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos
pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do
Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais) .

B624q Bittencourt, Izadora Casquero
O QUEER DEFINE VOCÊ? Entendendo a Teoria Queer a partir da
reportagem longform / Izadora Casquero Bittencourt.
32 p.

Trabalho de Conclusão de Curso(Graduação)-- Universidade
Federal do Pampa, JORNALISMO, 2022.

"Orientação: Alciane Nolibos Baccin".

1. Teoria Queer. 2. Estudos de gênero. 3. Binaridade. 4.
Moda. I. Título.

SÃO BORJA/RS
2022

IZADORA CASQUEROBITTENCOURT**O QUEER DEFINE VOCÊ? ENTENDENDO A TEORIA QUEER A PARTIR DA REPORTAGEM *LONGFORM***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Bacharel em Jornalismo.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 04 de agosto de 2022.

Banca examinadora:

Prof.^a Dr.^a. Alciane Nolibos Baccin
Orientadora
UNIPAMPA

Prof. Dr. Alexandre Rossato Augusti
UNIPAMPA

Prof.^a. Dr.^a. Vivian Belochio
UNIPAMPA



Assinado eletronicamente por **ALCIANE NOLIBOS BACCIN, PROFESSOR DO MAGISTÉRIO SUPERIOR**, em 04/08/2022, às 14:42, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.

Assinado eletronicamente por **ALEXANDRE ROSSATO AUGUSTI, PROFESSOR DO MAGISTÉRIO SUPERIOR**, em 08/08/2022, às 15:23, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **VIVIAN DE CARVALHO BELOCHIO, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 11/08/2022, às 14:18, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0885311** e o código CRC **559524E3**.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha família que sempre me apoia e incentiva. Foi dois anos que me deixaram assustada e com medo devido à pandemia do Covid-19, mas, felizmente consegui passar por todas as dificuldades e tenho certeza que conseguiria passar por tudo isso sem a minha família.

Agradeço à minha orientadora pela paciência e por dedicar seu tempo em aprimorar minha escrita. Por ter a paciência em me escutar e entender que trabalhar e estudar não é fácil. Obrigada por todos os ensinamentos.

Para meus amigos, agradeço pelas conversas e as trocas de conhecimento entre um TCC e outro. Morar em uma cidade longe da família seria difícil se não fosse pela existência de vocês.

Por fim, quero dedicar essa parte aos professores avaliadores da minha banca, obrigada por aceitarem o convite e estarem presente em um dos momentos mais incríveis da minha vida.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	REFERENCIAL TEÓRICO	13
	2.1 Teoria Queer	
	2.2 Narrativa <i>longform</i>	
	2.3 Jornalismo digital	
3	METODOLOGIA	23
4	A CONSTRUÇÃO DO PRODUTO	25
	4.1 Seleção de fontes e entrevistas	
	4.2 Escrita textual	
	4.3 Publicação da reportagem	
5	CONCLUSÃO	32
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	33

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso tem como objetivo desenvolver uma grande reportagem multimídia tensionando questões referentes à binaridade de gênero, a partir dos estudos *queer*. Utilizamos a grande reportagem como formato para expressarmos as questões que envolvem a Teoria Queer, personagens e suas experiências, bem como os diversos modos de ser, agir e pensar. Portanto, além das bases fortes dos estudos *queer*, criamos a reportagem baseada em narrativas *longform*, que nos permitiu apresentar uma narrativa aprofundada sobre a temática abordada. Focamos a moda *genderless* como o ponto de partida para narrar as várias formas de performar na sociedade. Foram realizadas cinco entrevistas que compuseram três capítulos da reportagem “O Queer define você?”, que pode ser acessada no link: <https://izadorabittencourt.wixsite.com/my-site>

Palavras-chave: teoria *queer*; reportagem *longform*; LGBTQIAP+; moda.

ABSTRACT

This course conclusion work aims to develop a large multimedia report stressing issues related to gender binarity, based on queer studies. We use the big report as a format to express the issues that involve Queer Theory, characters and their experiences, as well as the different ways of being, acting and thinking. Therefore, in addition to the strong foundations of queer studies, we created the report based on longform narratives, which allowed us to present an in-depth narrative on the topic addressed. We focus on genderless fashion as the starting point to narrate the various ways of performing in society. Five interviews were carried out that made up three chapters of the report "Does Queer define you?", which can be accessed at the link: <https://izadorabittencourt.wixsite.com/my-site>

Key words: queer theory; longform reporting; LGBTQIAP+; fashion.

1 INTRODUÇÃO

Neste relatório apresentamos o projeto experimental para conclusão de curso de jornalismo na Universidade Federal do Pampa (Unipampa). Utilizamos a grande reportagem como formato para expressarmos as questões que envolvem a Teoria Queer¹, personagens e suas experiências, bem como os diversos modos de ser, agir e pensar. O **objetivo geral** deste trabalho de conclusão de curso é desenvolver uma grande reportagem multimídia tensionando questões referentes à binaridade de gênero, a partir dos estudos *queer*. Entre os **objetivos específicos** destacamos: a) compreender as discussões que embasam os estudos queer; b) selecionar as fontes especialistas e personagens para a composição da reportagem; c) escrever de modo humanizado a reportagem, dando voz aos personagens; d) escolher o layout e diagramar o site que hospeda a reportagem.

Para isso, partimos da pesquisa descritiva e exploratória para conhecermos páginas que já existem sobre o tema. Em um momento seguinte, buscamos referências de pesquisadores da área de identidade, gênero, sexo e diversidade, os quais tivessem ligações com a teorização queer, para obter suporte teórico para entender e explicar a Teoria que transgride e dessacraliza uma biopolítica heteronormativa, como explica Jamil Cabral Sierra (2015). Dessa maneira, este trabalho, além de produzir uma reportagem *longform*² sobre o tema, também busca entender o porquê da heteronormatividade³ ser o único padrão aceito pela maioria dos membros da sociedade e dito como correto, enquanto outras orientações sexuais e identidades de gênero são marginalizadas por não seguirem a norma.

Impulsionada por esse motivo, realizamos contato com pessoas que se desviam do que é ditado como norma. Ter uma obra que busque e amplie olhares sobre esse tema, principalmente, quando sai do meio acadêmico e explora a vida dessas pessoas em um nicho específico, ganha-se mais proporções e visibilidade para o tema que merece ser problematizado e discutido. É fato que a participação

¹ Queer significa “estranho” e é usado para representar as pessoas que não se identificam com padrões impostos pela sociedade e transitam entre os gêneros, sem concordar com tais rótulos, ou que não saibam definir seu gênero/orientação sexual.

² A tradução literal significa narrativa em formato longo. Porém a partir da página 16 discutimos conceitualmente o termo.

³ Imposição social para ser ou se comportar de acordo com os papéis de cada gênero.

de grupos pertencentes às minorias em universidades federais é baixa e com isso, torna-se difícil que uma pessoa tenha acesso ou saiba utilizar as plataformas que estão inseridos os trabalhos científicos. Para que o projeto tenha maior alcance, inclusive da sociedade em geral, a reportagem em ambiente digital torna-se um formato mais usual e de fácil acesso de todos que possuem um smartphone conectado à internet. A narrativa escrita em formato longo pode servir como uma forma diferenciada de olhar o outro, e ir além de uma simples notícia e abranger maiores detalhes e espaços de fala. Contamos histórias de pessoas que de alguma forma se admitem a queerização.

Em jornais tradicionais não vemos cotidianamente histórias de pessoas lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros, travestis, queer, interssexuais, assexuais e pessoas de outros grupos e variações de sexualidade e gênero que fogem da heteronormatividade (LGBTQIAP+), e, quando acontece, sempre são utilizadas em manchetes que marginalizam esses corpos. Claro que, há quem faça diferente, que muitos buscam narrar os acontecimentos a partir de perspectivas de gênero, identidade, diversidade e territorialidade, mas ainda são exceções. Em alguns meios midiáticos, como por exemplo os telejornais tradicionais, isso não é uma realidade. Por isso, a construção minuciosa de uma grande reportagem com características da narrativa *longform* pode mudar a visão de se trabalhar sobre um tema pouco explorado pelos jornalistas e, conseqüentemente, atrelar teoria e prática em um único material de maneira acolhedora e provocativa.

Pontos importantes encontrados na pesquisa sobre a Teoria Queer e o quanto ela é impactante para a vida em sociedade estão presentes na reportagem “O Queer define você?”, servindo para quem quiser conhecer a Teoria, diferentes autores e autoras que trabalham e pesquisam sobre o tema. As várias formas de ser uma pessoa queer estão na reportagem. Sempre ouvi dos meus professores que para um trabalho perfeito de conclusão de curso, temos que pesquisar algo que nos identificamos, e me identifico com os estudos *queer*. Acredito que tudo que sai da norma, até mesmo de utilizar um corte de cabelo mais ousado, está próximo à queerização. Aliás, o projeto inicialmente foi pensado para se tornar uma revista online, onde encaixaria entrevistas com várias pessoas que se sentem de alguma forma excluídas pela sociedade pela forma que se expressam/apresentam. Depois de pesquisar e conversar com minha orientadora decidimos partir para uma grande

reportagem, que da mesma forma traz entrevistas aprofundadas, mas para além disso, dá flexibilidade para deixar de lado alguns aspectos da norma jornalística de escrever uma matéria engessada, pelo fato de, utilizar a narrativa *longform*, ir além de uma notícia tradicional.

São esses os pontos que me motivaram a pesquisar e estudar a Teoria. Escolhi o tema depois de criar uma revista online com algumas colegas de curso, criamos a primeira revista online sem gênero, *Diversa*, foi um projeto experimental em uma disciplina, mas com certeza foi o ponto de partida para entender melhor questões de gênero. Foi um semestre tenso, tínhamos pouco tempo e muitos entrevistados, histórias tocantes e na maioria delas, muitos se sentiam oprimidos pela sociedade por serem e por expressarem quem realmente são, uns oprimidos pelas roupas que utilizam, outros pelos cabelos, um pelas unhas vermelhas, enfim, detalhes que parecem pequenos, mas que são motivos de opressão para esses corpos que merecem respeito. Quem desvia da norma claramente está errado para a heteronormatividade compulsória.

Desse modo, acredito que escrever uma grande reportagem online, seja importante para alcançar o maior número de pessoas, pois, como já dissemos, as pesquisas acadêmicas dificilmente saem do ciclo universitário e com esse projeto, quero quebrar essas barreiras científicas. Quanto mais pessoas a reportagem abranger e alcançar, independentemente de gênero, etnia, sexo, mais a academia se projetará para a sociedade e quem sabe servirá para romper com esses paradigmas inventados pela sociedade. Essa é nossa esperança.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Teoria Queer

A desconstrução da binariedade mostra até que ponto nossas individualidades são colocadas como inferiores, se por acaso, não compactuamos com a padronização binária imposta pela sociedade de que devemos ser e agir de determinada forma desde o momento em que somos concebidos. “‘É um menino.’ Como assinala Butler, esse tipo de frase é performativa porque é um ato, cria um fato ao qual não é fácil escapar”, destaca Figueiredo (2018, p. 49).

Viver em meio a situações já pré-estabelecidas mesmo antes de nascermos, acarreta uma falsa verdade em certas ocasiões ou em todas, desmotiva, precariza o que realmente somos e/ou queremos ser. Prejudica relações interpessoais e coloca esses indivíduos como alvos fáceis da sociedade. Falar sobre ser homem e o que é ser *macho*, para muitos pode ser torturante. O mesmo serve para diagnosticar de que forma mulheres *fêmeas* devem se comportar. Ir contra a normalização afeta a sociedade heteronormativa. As diferenças ainda não são aceitas, aquele que é e age diferente não é aceito. Muitas vezes, a família impede que seus filhos, sobrinhos, amigos, irmãos tenham sua sexualidade declarada, e que ao contrário disso, menosprezam e humilham esses indivíduos.

Os estudos queer, em seu contexto de surgimento, sinalizavam, portanto, para a possibilidade de pensar os processos pelos quais se produzem experiências socialmente estigmatizadas, a partir da crítica ao que se convencionou chamar de heteronormatividade. (SIERRA, 2017, p. 144)

Não encaixar-se é o mesmo que se auto excluir da sociedade, já que a mesma, não aceita formas diferentes de viver e estabelece em muitos casos um padrão de não aceitação em diversos meios sociais e políticos.

Teóricos e teóricas [queers] afirmam que a oposição [heterossexual x homossexual] preside não apenas os discursos homofóbicos, mas continua presente, também, nos discursos favoráveis à homossexualidade. Seja para defender a integração dos/as homossexuais ou para reivindicar uma espécie ou uma comunidade em separado; seja para considerar a sexualidade como originariamente ‘natural’ ou para considerá-la como socialmente

construída, esses discursos não escapam da referência à heterossexualidade como norma. [...] Segundo os teóricos e teóricas queer é necessário empreender uma mudança epistemológica que efetivamente rompa com a lógica binária e com seus efeitos: a hierarquia, a classificação, a dominação e a exclusão. (SIERRA,2017, p. 146 apud LOURO, 2001, p. 549)

O modo de vida *alternativo*, diferente do normal enraizado por grande parte dos cidadãos, pode parecer estranho para aqueles/as que não se encaixam na comunidade LGBTQIAP+. Mas, em hipótese alguma pode ser desmerecido, menosprezado e rejeitado. Como exposto acima, por Louro (2001), se não houver uma ruptura entre homossexualidade e heterossexualidade nunca haverá quebras nas barreiras sociais para expor quem você é. E também, é fato, que em muitos discursos o padrão heterossexual toma conta, até mesmo nas falas homossexuais.

Entretanto, deve-se observar as grandes proporções que essas normas regulamentam a vida de cada indivíduo. Tornou-se padrão em falas, porque é padrão da vida do ser humano heteronormativo obrigatório. “Para se classificar como um sujeito legítimo, como um “corpo que importa”, no dizer de Butler, o sujeito se verá obrigado a obedecer às normas que regulam sua cultura.” (LOURO, 2008, p. 16 apud BUTLER, 1999).

Dessa maneira, as penalidades são menores. A exclusão não existe e a família permanece ao lado. Muito já se falou em esconder-se no armário, talvez, o armário seja as normas, ou, talvez não. Esconder quem somos como indivíduos, não é fácil, mas receber a rejeição social para quem desvia da norma é cruel. Na obra *Um corpo estranho - ensaios sobre sexualidade e teoria queer*, da autora Guacira Lopes Louro (2018), precursora das pesquisas queers no Brasil, transcreve logo nas primeiras páginas como enxerga os sujeitos desviantes, assimilando suas trajetórias com uma viagem de vários caminhos e paradas.

Na viagem que empreendem ao longo da vida, alguns sujeitos deixam-se tocar profundamente pelas possibilidades de toda a ordem que o caminho oferece. Entregam-se aos momentos de “epifania”. Saboreiam intensamente o inesperado, as sensações e as imagens, os encontros e os conflitos, talvez por adivinharem que a trajetória em que estão metidos não é linear, nem ascensional, nem constantemente progressiva. Suas aventuras podem, no entanto, parecer especialmente arriscadas e assustadoras quando se inscrevem no terreno dos gêneros e da sexualidade - afinal essas são dimensões tidas como “essenciais”, “seguras” e “universais” -

que, supostamente, não podem/não devem ser afetadas ou alteradas. Por isso o efeito e o impacto das experiências desses sujeitos são tão fortemente políticos - o que eles ousam ensaiar repercute não apenas em suas próprias vidas, mas na vida de seus contemporâneos. Esses sujeitos sugerem uma ampliação nas possibilidades de ser e de viver. Acolhem com menos receio fantasias, sensações e afetos e insinuam que a diversidade pode ser produtiva. Indicam que o processo de se “fazer” como sujeito pode ser experimentado com intensidade e prazer. Fazem pensar além dos limites conhecidos, para além dos limites pensáveis. (LOURO, 2018, p. 23)

Como cita a autora, escolher um caminho nem sempre é uma tarefa fácil. Sempre existirá muitos obstáculos, uns mais leves do que outros. Porém, a vida deve ser traçada da melhor maneira possível, porque, para além disso, existem outras limitações que cercam esses indivíduos. Principalmente, os indivíduos que saem do ciclo familiar, onde estão inseridos, e chegam à mídia que têm grande papel e influência sobre a vida de outras pessoas. Muitos assuntos podem ser conhecidos em frente à televisão, escutando o rádio e folheando uma revista. A mídia contribui para que a visão heteronormativa seja hegemônica. Se fizermos uma busca rápida em sites, por exemplo, é notável que em quase todos meios a comunidade LGBTQIAP+ é rotulada, estereotipada. O gay muito provavelmente será o amigo afeminado. A lésbica pouco se vê nas mídias, e quando vê, enquadram como sem feminilidade. O travesti sempre será dono de um salão de beleza. Como se apenas essas formas fossem aceitas pelo padrão social que estamos inseridos. As normas hetero produzem práticas. O mesmo que dizer que mulheres têm que ser mães.

Para o pesquisador da área de diversidade/dissidência sexual e de gênero, Leandro Colling (2011),

“para que nossas pautas não colaborem para construir normas do que é ser gay, lésbica, bissexual ou trans aceitas apenas se estiverem seguindo os padrões já postos. Padrões esses, é sempre necessário lembrar, que foram e continuam sendo os causadores da falta de respeito à diversidade sexual. Precisamos ter clareza de que não podemos cair no erro de usar, com a melhor das intenções libertadoras, exatamente os mecanismos que nos oprimiram e que continuam nos oprimindo”. (COLLING, 2011, p.12)

Isso, mesmo que a televisão seja “parte integrante e fundamental de complexos processos de veiculação e de produção de significações, de sentidos, os quais por sua vez estão relacionados a modos de ser, a modos de pensar, a modos de conhecer o mundo, de se relacionar com a vida” (FISCHER, 2002, p.153). Pode-se considerar entretanto que as mídias em geral causam a exclusão e inclusão dos indivíduos, expõem de formas sutis qual o papel social que cada gênero deve seguir, como agir, que roupa usar.

“A TV cria ou reforça processos de inclusão e de exclusão, quanto a classe social, o gênero, etnia, geração, profissão, e assim por diante. Ou seja, a transformação de nossas vidas em espetáculo está diretamente relacionada a uma série de preconceitos, a uma série de valores e de definições a respeito do que são, por exemplo, determinados grupos na sociedade: as mulheres, os negros, os pobres, os adolescentes de classe média, os trabalhadores, etc”. (FISCHER, 2002, p. 157)

Para os estudos *queer*, as normas de “preservar-se” para não causar impacto na vida de um ou mais indivíduos que não compactuam com o oposto não faz sentido. Pensar apenas em dois caminhos “certos” também não corresponde com a realidade da queerização.

A teoria queer permite pensar a ambigüidade, a multiplicidade e a fluidez das identidades sexuais e de gênero mas, além disso, também sugere novas formas de pensar a cultura, o conhecimento, o poder e a educação. Tomaz Tadeu da Silva argumenta que, tal como o feminismo, a teoria queer efetua uma verdadeira reviravolta epistemológica. A teoria queer quer nos fazer pensar queer (homossexual, mas também “diferente”) e não straight (heterossexual, mas também “quadrado”): ela nos obriga a considerar o impensável, o que é proibido pensar, em vez de simplesmente considerar o pensável, o que é permitido pensar. (...) O queer se torna, assim, uma atitude epistemológica que não se restringe à identidade e ao conhecimento sexuais, mas que se estende para o conhecimento e a identidade de modo geral. Pensar queer significa questionar, problematizar, contestar, todas as formas bem-comportadas de conhecimento e de identidade. A epistemologia queer é, neste sentido, perversa, subversiva, impertinente, irreverente, profana, desrespeitosa. (LOURO, 2001, p. 550)

Ser queer, estudar a Teoria Queer, vai além das discussões sobre sexualidade, identidade e gênero. A teorização queer preocupa-se também em desconstruir comportamentos engessados por séculos. Os pesquisadores dessa

temática debruçaram-se no início nos estudos do pós-estruturalismo francês e nas pesquisas de Tomaz Tadeu da Silva, em 1999. As pesquisas e artigos sobre o tema também baseiam-se nos estudos da teoria foucaultiana para desenvolver conhecimentos que contrariem o padrão heteronormativo.

“Para Miskolci, heteronormatividade pode ser entendida como um desdobramento do próprio dispositivo da sexualidade, isto é, “[...]uma denominação contemporânea para o dispositivo histórico da sexualidade que evidencia seu objetivo: formar todos para serem heterossexuais ou organizarem suas vidas a partir do modelo supostamente coerente, superior e “natural” da heterossexualidade”” (SIERRA, 2017, p. 144 apud MISKOLCI 2009, p. 156-157).

Para Sierra, a crítica à heteronormatividade conduziu os estudos queer:

“a necessidade de pensar formas de desconstrução tanto heterossexualidade como da homossexualidade, uma vez que, se ambos os elementos são interdependentes e relacionados, a desconstrução de ambos seria fundamental para a subversão da norma sexual e de gênero em face dos mecanismos de normalização, mecanismos esses, inclusive, que, dissimuladamente, sob o pretexto da inclusão, mascaram suas estratégias de controle e captura.” (2017, p. 147).

No Brasil, como ressalta o pesquisador Miskolci, os questionamentos e as problematizações *queer* infiltraram-se primeiramente pela universidade. E no país, a recepção da Teoria Queer provavelmente se iniciou no final da década de 1990 com a obra de Judith Butler, pesquisadora na área dos estudos de gênero e sexualidade. “O marco de nossa incorporação criativa do *queer* pode ser estabelecido em 2001, quando Guacira Lopes Louro publicou, na *Revista Estudos Feministas*, o artigo *Teoria Queer: uma política pós-identitária para a educação*.” A partir daí, como explica Miskolci (2010, p.38), o interesse por essa vertente teórica expandiu e ganhou visibilidade em várias disciplinas, o que o dossiê Sexualidades disparatadas, publicado na revista *Cadernos Pagu* de 2007, já indicava. Com o crescimento de pesquisas desde os anos noventa sobre a Teoria Queer, se dividiu em algumas etapas, como: ir além de buscar igualdade entre homossexuais e heterossexuais, pois visa quebrar esses estereótipos de idealizar pessoas com os mesmos interesses heteronormativos como de casamento e adoção de crianças, discutir os comportamentos dos indivíduos em relação às várias maneiras de se

expressar, e principalmente trazer discussões sobre heteronormatividade, sexo, gênero e identidade.

Boa parte das pautas que mais nos mobilizaram nos últimos anos e em boa parte dos discursos de algum@s ativistas transparece a ideia de que o gay é normal, é igual ao heterossexual, quer casar, ter filhos, viver uma vida monogâmica. O que a Teoria Queer[...] vai questionar não é o direito de casar e ter filhos e desejar uma vida em família tal como nas propagandas de margarina. É óbvio que quem quiser viver assim deve ter todo o direito e condições de fazê-lo. A pergunta que @s autor@s fazem[...] é: porque desejamos esse ideal de vida? Por que queremos uma vida a mais parecida possível com a dos heterossexuais? O quanto essa ideia geral tem a ver com uma eventual vergonha da Aids e de uma presumida promiscuidade da comunidade LGBT? Queremos nos purificar? De que e por quê?. (COLLING, 2011, p.12)

Esses questionamentos apontados por Colling (2011) são alguns dos tensionamentos provocados pela teoria há anos. A queerização provoca pensar por quê esses corpos, que desviam da norma, querem buscar compatibilidade com corpos “normais”? Sendo que em alguns casos, estes corpos heteronormativos sofrem preconceitos. Na reportagem abordamos essas reflexões.

2.2 Narrativa *longform*

Para desenvolver a reportagem foi preciso um olhar atento à narrativa *longform*: por definição é o formato mais aprofundado de contar uma história, rompe com os padrões jornalísticos de narrar e atrai leitores de maneira fácil com a utilização de elementos multimídia.

Por isso, optamos por este formato ousado em contar histórias para a realização do projeto de conclusão de curso. Ao desenvolver a grande reportagem utilizamos as narrativas jornalísticas hipermídia *longform* que apresentam esses aspectos:

Quanto à Dimensão - narrativa longa; - período de produção estendido; - exigência de longo tempo de leitura. Quanto aos Recursos Técnicos - design responsivo; - predominância da verticalização/para-laxe; - utilização do efeito "cortina". Quanto aos Elementos de qualidade - aprofundamento do tema; - contextualização/memória; - imersão; - uso de base de dados; - humanização da narrativa; - hipertextualidade; - multimedialidade;- interatividade. (BACCIN, 2017, p.97)

A partir destas características mencionadas acima, criamos três capítulos, onde conseguimos distribuir de forma leve e coesa aspectos sobre: estudos *queer*, moda, histórias pessoais e Direitos Humanos. O que há 20 anos parecia quase impossível, hoje conseguimos utilizar diversas ferramentas para compor nossas histórias e conectar o leitor em várias mídias ao mesmo tempo.

No início da prática jornalística no meio digital, há mais de 20 anos, a estrutura narrativa não trazia novidade. A linguagem era a mesma do jornalismo impresso (escrita e fotográfica); apenas se reproduzia o que os jornais já haviam publicado. A linguagem do jornalismo no ambiente digital está ainda em transformação, na medida em que as organizações midiáticas estão percebendo os potenciais do meio e aproveitando as características para criar novas maneiras de contar histórias. (BACCIN, 2017, p.91)

Com base em novas formas de narrar/contar uma história, com as variedades de sites, blog e redes sociais que existem atualmente entendemos que é difícil segurar a atenção do nosso leitor por muito tempo, por isso, teríamos que optar por deixar nossa reportagem mais leve e não apenas com texto. Com isso, surgiu a escolha de trabalhar no projeto vídeos, podcasts, imagens.

Em nossa reportagem os leitores vão encontrar uma narrativa longa; design responsivo (se adequa a vários formatos de tela); predominância da verticalização; aprofundamento do tema; contextualização; uso de base de dados; humanização da narrativa; hipertextualidade; multimídia e interatividade - a interatividade se apresenta na grande reportagem pelas escolhas que o leitor poderá fazer no site, como optar por ler apenas um capítulo e conseguir sair da leitura com uma visão bem contextualizada sem precisar voltar para ler os demais -.

Sendo assim, a reportagem contará com vários formatos de contar uma história com a utilização desses meios. Assim, a experiência do leitor torna-se mais mais rica e abrangente.

2.3 Jornalismo digital

Além de utilizarmos os conceitos da narrativa *longform*, nos apoiamos em sete aspectos do **jornalismo digital** para embasar nossas perspectivas acima dos estudos de gênero através da grande reportagem. Para que isso fosse possível os conceitos de: **a) hipertextualidade; b) multimídia; c) interatividade; d) memória; e) instantaneidade; f) personalização; g) ubiquidade**, se fazem presentes no projeto experimental.

A hipertextualidade faz com que a reportagem tenha a capacidade de conectar outros meios digitais através do hipertexto. Sendo assim, o leitor pode realizar uma leitura leve e fora da sequência textual, como: acompanhar infográficos, galeria de imagens, gif e/ou texto, por exemplo.

A multimídia é a forma como nosso leitor pode se conectar ao assunto proposto. Não apenas em imagens, gifs ou gráficos, mas também conseguir juntar várias percepções do mesmo assunto em diversos meios, tais como: televisão, podcast, site, redes sociais e etc. A multimídia permite que o usuário absorva de maneiras distintas temas complexos, como a Teoria Queer, por exemplo.

No campo da interatividade, temos: interação seletiva e interação comunicativa, no caso da nossa grande reportagem optamos pela utilização da interação seletiva. Nosso leitor consegue navegar e selecionar conteúdos que queira consumir, em outras palavras, o leitor tem a possibilidade de controlar o conteúdo que irá absorver.

Além disso, está presente na grande reportagem o recurso de memória para rememoração de fatos passados, facilmente visualizado no segundo capítulo onde abordamos as perspectivas da moda entre séculos. Aliás, utilizamos bancos de dados e serviços de busca para corroborar com nosso conhecimento.

Instantaneidade também é um dos aspectos utilizados para a grande reportagem. Por ser uma reportagem hospedada em um site, optamos por um layout leve, sendo assim, as ferramentas para interação acompanham a velocidade e comportamento do leitor.

Acreditamos que a personalização é uma das características mais importantes em nossa grande reportagem. Abordamos questões de gênero e os aspectos que envolvem a moda dentro da perspectiva *queer*, o que se mostrou à favor de uma necessidade individual para nosso leitor. Nosso conteúdo, por mais que tenha a proposta de expandir, caminhar entre vários indivíduos, percebemos que em um primeiro momento ela encaixa-se apenas nas visões que compactuam com esse olhar fora dos padrões.

Sendo considerado o sétimo princípio do jornalismo na era digital, a ubiquidade significa estar presente ao mesmo tempo em todos os lugares, como: *smartphones*, multiverso, atualmente o 5G e Inteligências Artificiais que podem auxiliar o jornalismo. Não utilizamos esses recursos na nossa reportagem, porém, mesmo sem os recursos tecnológicos, conseguimos acompanhar a nossa grande reportagem através de *tablets*, *notebooks* e *smartwatches*.

Acreditamos que a partir das características conhecidas através das pesquisas do autor João Canavilhas (2014), conseguimos obter um panorama de como alcançar nossos potenciais leitores. Atribuímos cada aspecto em determinados momentos para que nossa grande reportagem não seja apenas mais uma produção jornalística em meio às várias.

3 METODOLOGIA

Para dar suporte ao projeto e a construção da grande reportagem, além dos artigos e livros consultados que explicam as questões de gênero, sexo e identidade, focamos em uma forma diferente de olhar para o outro na perspectiva de aproveitarmos ao máximo as experiências e histórias de vida, promovendo a conexão entre a teoria e a prática. Conversamos com pesquisadores(as) identificados com tema e com pessoas que sentem na pele a discriminação pela não binariedade.

Dessa forma, o jornalismo entra em ação para ouvir discussões entre ambos atores (fontes) e explorar como esses agentes transformadores - teóricos(as) e pessoas que se identificam queer e/ou com a teoria - enxergam-se na sociedade que estão inseridos. Traçar os caminhos que cada um percorreu e percorre durante a sua jornada e analisar o tamanho da possível diferença ou igualdade entre esses dois públicos. Por isso, nesse momento, é fundamental ter a elaboração de uma grande reportagem, para que se tenha essas histórias mais detalhadas, ou seja, trabalhar debruçada sobre a construção da narrativa *longform*.

Com isso, pudemos compor os textos de forma mais flexível, sem nos preocuparmos com as normas jornalísticas do lead e da pirâmide invertida, empregadas no cotidiano. “A imparcialidade, a isenção, a neutralidade e a objetividade perseguidas no jornalismo diário podem - e são - deixadas de lado,” destaca Pereira (2006, p. 2). E por ter a chance de tornar uma leitura mais abrangente torna-se indispensável elaborar uma grande reportagem com as características *longform*, principalmente, por se tratar de um tema com amplo campo de visão e cheio de histórias para contar.

Por esses motivos, a metodologia deste artigo é utilizar duas formas de fazer pesquisa: pesquisa bibliográfica, visto que procuramos artigos científicos e livros, formatos que abordam o tema Teoria Queer, com o intuito de que a reflexão ficará mais clara e coesa sobre o assunto e utilizar além das análises acadêmicas, a pesquisa exploratória, que abrangerá entrevistas aprofundadas com pessoas que se identificam com a teorização queer, para dar voz certa à construção do projeto. Para isso ser concretizado, as entrevistas foram feitas em formato de webconferência -

devido à pandemia do Sars-coV-2 - com pessoas que utilização a queerização como forma de se expressar na sociedade heteronormativa compulsória e com pessoas que utilizam a Teoria Queer como objeto de estudo e conhecimento.

4 CONSTRUÇÃO DO PRODUTO

4.1 Seleção de fontes e entrevistas

Tomamos como primeira etapa a organização de uma lista de possíveis entrevistados, verificamos se era possível fazer contato através de e-mails e redes sociais. O segundo passo foi organizar os motivos pelos quais estávamos escolhendo os personagens para a reportagem. Decidimos então primeiramente entrevistar as fontes especialista (dois professores e pesquisadores dos estudos queer aqui no Brasil), são elas: o pesquisador e professor da Universidade Federal de Ouro Preto, Felipe Viero Kolinski e a professora e também pesquisadora na Universidade Federal de Santa Catarina, Fernanda Nascimento.

Ambas entrevistas ocorreram por webconferência via Google Meet. Porém, antes do nosso encontro, encaminhamos com antecedência um formulário para os professores, com perguntas básicas, contudo importantes para desenvolver as perguntas principais no dia da entrevista. No formulário enviado com antecedência ao dia das entrevistas foi pedido nome completo, preferência por utilização de pronome neutro, sexo (caso fosse importante para ambos mencionar), identidade de gênero e um pouco sobre sua percepção dos estudos queer para conseguirmos elaborar perguntas pertinentes a cada um.

Assim que retornaram com as respostas, construímos perguntas direcionadas para cada um. Isso nos ajudou a entender como os entrevistados entendem as questões LGBTQIAP+ no Brasil e como eles performam diante da sociedade. As entrevistas duraram em média 45 minutos cada. Consegui nesse primeiro momento duas visões bem distintas, primeiramente porque trabalhei na perspectiva masculina e outra feminina, mas também porque o professor Felipe performa a visão de um homem branco cisgênero gay, enquanto a professora Fernanda performa a visão de uma mulher parda cisgênero lésbica e feminista. Trabalhar essas dualidades e encaixá-las ao nosso conhecimento primário dos estudos *queer* foi e é sensacional para alguém que está saindo da academia para viver o dia a dia como jornalista.

O próximo desafio da grande reportagem foi entrevistar pessoas que estão fora do “padrão heteronormativo” e derrubam os limites, principalmente da moda no

Brasil. Os estudos *queer* são amplos, por isso, sentimos a necessidade de escolher um enfoque específico - a moda - para não deixar o tema muito disperso. Conhecemos a moda agênero na universidade, optamos por usá-la como ponto de partida para discutir a teorização *queer* e intensificar que roupa não molda gênero e abrir mais espaços para reflexões de corpos que desviam da heteronormatividade.

Assim como os professores, propusemos aos demais entrevistados que respondessem ao questionário e a partir disso construímos perguntas direcionadas a cada vivência. Os entrevistados foram Johny Oliveira, atualmente coordenador visual de uma das grandes *fast fashion* do país, e a estilista e *design* de moda, Verdi Vilela. Ambas percepções sobre estudos *queer* e vivências são distintas, mesmo trabalhando em relação a moda. Johny é um homem branco cisgênero gay, enquanto Verdi é preta não-binária (prefere pronomes feminos ou neutros). Com visão de mundo bem diferentes conseguimos tecer uma narrativa em que ambos personagens conversassem e pudéssemos abordar as questões LGBTQIAP+ para além de textos e artigos, como enxergar esses corpos por eles mesmos.

Ainda no campo dos entrevistados, por último, traçamos os caminhos da lei para também destacar os aspectos da legislação que assegurem uma vida digna a qualquer ser humano, dando ênfase à comunidade LGBTQIAP+. Para atender este ponto, entrevistamos a professora Adriana Hartemink Cantini, da Universidade Federal do Pampa (Unipampa), que ministra a disciplina de Direitos Humanos no curso de direito. Conseguimos abordar conquistas históricas, constituídas degrau por degrau, através das lutas de movimentos sociais. Aliás, compreendemos mais os nossos direitos e como eles são fundamentais para mantermos o respeito mútuo, mesmo que seja difícil nos dias atuais.

Após compreender a Teoria Queer e realizar as entrevistas, nos debruçamos na escrita da grande reportagem. Dividimos a reportagem em três capítulos, e um subcapítulo que compõe o segundo capítulo. Todas as entrevistas foram feitas por webconferência, mas optamos por não utilizar os vídeos das conversas, pelo fato de que todas terem ficado em baixa qualidade, devido à instabilidade da internet. Como foram entrevistas extensas e consciente da instabilidade da internet, consegui com os entrevistados dicas de leituras, autores, campanhas de grandes empresas e de uma forma didática procuramos colocar alguns desses exemplos na construção da

narrativa, por meio de hiperlinks, caso as pessoas tenham interesse em conhecer ainda mais profundamente a temática e se interessem pelas leituras, vídeos e podcast.

4.2 Escrita textual

Escolhemos a elaboração de uma escrita leve, para que envolva o leitor a reportagem. Com isso, fugimos daqueles engessamentos do cotidiano jornalístico e partimos para uma construção baseada em narrativa *longform* - você pode acompanhar aqui: <https://izadorabittencourt.wixsite.com/my-site>. Por se tratar de entrevistas extensas, tivemos que planejar os momentos mais adequados para que os personagens se comunicassem na narrativa, sem perder o sentido.

O primeiro capítulo intitulado **“O QUEER DEFINE VOCÊ?”** abordamos questões sobre os estudos queer. Foi explicado logo nos primeiros parágrafos onde surgiu e como surgiu os estudos de gênero, sexo, identidade, enfim, minorias. Sendo assim, contamos uma breve história desde a década de 60 até os dias atuais sobre a perspectiva de gênero nos EUA e como chegou ao Brasil.

Discutimos a questão mencionada acima sobre, até que ponto corpos que desviam da norma precisam performar em corpos que nos ditam como “normais” para viver “bem” em sociedade. Abordamos brevemente o que é ser mulher e o que é ser homem, como essas pautas são discutidas na universidade e para dar mais força a narrativa no primeiro capítulo, utilizamos as entrevistas dos pesquisadores e professores Felipe Viero Kolinski e Fernanda Nascimento.

No final do primeiro capítulo fizemos com que a Verdi Vilela, estilista e *design* de moda se encaixasse nas falas de ambos professores, o que deixou ainda mais claro a perspectiva *queer* e conectou para o próximo capítulo. Sendo assim, no capítulo seguinte, abordamos a moda e como ela desconstrói os gêneros por gerações. **“PANORAMA DA MODA - A moda e a desconstrução de gênero.”**

Logo de início o leitor compreenderá a moda do século XX até os dias de hoje. Exploramos como é importante vestir-se para se comunicar. Buscamos algumas imagens para exemplificar o que é narrado na reportagem. Trouxemos à tona os movimentos sociais e a importância de ícones da música ousarem em suas performances.

Ainda neste capítulo, o leitor acompanha as histórias de vida de Johny Oliveira e Verdi Vilela, ambos estilistas e *designers* de moda, como eles performam diante da sociedade e como eles enfrentam o dia a dia em um país preconceituoso como o Brasil. Como é ser um homem gay cisgênero e como é ser uma pessoa não-binária e nunca pertencer a um lugar “ideal” em sociedade.

Para tratar com mais ênfase às questões de identidade, acreditamos que o melhor foi explorar um subcapítulo para dar ainda mais voz a história de vida da Verdi Vilela. O subcapítulo escolhemos a nomenclatura “**Fracasso?**” depois de escutar ativamente a entrevista e perceber o quanto é dolorosa uma vida sem encaixe. Entendemos que era preciso pausar a leitura e respirar, não podíamos colocar as dores da personagem apenas em um capítulo. Há momentos que conseguimos realizar uma boa conexão entre as falas de Johny e Verdi o que deixou o subcapítulo ainda mais rico.

No capítulo final, “**A CAMINHADA**”, falamos sobre as lutas e conquistas da comunidade LGBTQIAP+. Expressamos que essas vozes devem ser ouvidas com respeito e dignidade. Usamos os Direitos Humanos como ponto de partida e entrevistamos a professora Adriana Hartemink Cantini, da Universidade Federal do Pampa.

4.3 Publicação da reportagem

Após finalizarmos a escrita dos capítulos optamos por utilizar a plataforma *wix*, pelo fato de termos mais familiaridade e conseguirmos usar ferramentas como carrossel de imagens, podcast, vídeos e texto de uma forma que o usuário não precise se desconectar da história. Organizamos de maneira em que os capítulos possam ser lidos isoladamente, sem que o leitor fique com a sensação de que faltou algo.

Decidimos deixar a *home* em formato vertical, onde todos os capítulos possam ser visualizados. Porém, o leitor pode ter visualização completa, se preferir, apenas no *menu* ao lado direito da tela. Em poucos segundos a leitura pode começar a
fluir sem interrupções.

HOME



MENU



*O QUEER
DEFINE
VOCÊ?*



história da moda e conversam de maneira sutil com o usuário. Os leitores terão contato com um acervo de conhecimentos de várias gerações da moda. Outro ponto a destacar é a narrativa *longform* que entra em ação, não apenas no texto, como também na forma que estruturação da história, para que os leitores tenham uma leitura suave, mesmo com textos longos.

5 CONCLUSÃO

Acredito que este projeto experimental possa servir como meio de conhecimento para a sociedade. Quero que os cidadãos percebam que falar sobre estudos *queer* é importante já que estamos inseridos em uma mesma sociedade. Além disso, para o campo jornalístico, acredito que seja importante o fato de saber entrevistar pessoas LGBTQIAP+, o que percebo nas mídias é a falta de cuidado com esses personagens ou o excesso de cuidado o que afeta a escrita de uma boa reportagem. Por isso, penso que seja imprescindível um contato inicial para conhecermos o entrevistado, quebrar o gelo e conseguirmos ser sensíveis às dores do outro antes de desempenhar a função de entrevistar alguém da comunidade LGBTQIAP+. Pronomes importam, identidade de gênero importa, saber se é delicado ou não falar sobre sexo também importa.

Acredito que para minha formação acadêmica ter conexões com assuntos que me fazem refletir é importante. A busca por querer entender os vários aspectos e pontos de vista de um mesmo tema me instiga como futura profissional, mas principalmente saber escutar quem sente a discriminação e a não aceitação na própria pele. Admito que foram muitos os desafios para produzir essa reportagem, desde encontrar fontes que quisessem falar, até a estrutura da narrativa que deveria aproveitar mais as possibilidades da web, como uso de vídeos das entrevistas, o que possibilitaria uma compreensão melhor dos capítulos. Aliás, poderia abordar mais a questão da ruptura de gênero dentro da moda, estender a narrativa não apenas Brasil, EUA, como poderia me aprofundar mais no padrão sul coreano, que nos últimos 10 anos vêm rompendo com a binaridade e desmistificando o padrão do que é ser “macho” no estilo ocidental. Quem sabe, o trabalho continua?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACCIN, Alciane. A narrativa *longform* em reportagens hipermídia. Estudos em Jornalismo e Mídia, 2017.

CANAVILHAS, João. Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença. 2014.

COLLING, Leandro. et al. Stonewall 40 + o que no Brasil?. EDUFBA, 2011.

FIGUEIREDO, Eurídice. Desfazendo o gênero: a teoria queer de Judith Butler. Dossiê Sáfico, Criação & Crítica, n. 20, p. 40-55, 04-2018.

FONSECA, Angela Couto. et al. Políticas não identitárias. Intermeios, 2017.

LOURO, Guacira. Um corpo estranho - ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Autêntica, 2008.

LOURO, Guacira. Teoria queer - uma política pós-identitária para a educação. Estudos Feministas. p. 541-553, 02-2001.

PEREIRA, Ariane. Os discursos no discurso do livro-reportagem. Portal de Revistas da USP, Caligrama, v. 2, n. 3, 12-2006.

FISCHER, Rosa Maria. O dispositivo pedagógico da mídia: modos de educar na (e pela) TV. EDU&PES, v.28, n.1, 06-2002.

SIERRA, Jamil. A Queerização da vida. Revista Instituto Humanitas Unisinos, Márcia Junges e Andriolli Costa, edição 463, 04-2015.